

Sayonara Maria Andrade Nogueira Corrêa



O SENSÍVEL NA ARTE DE VAN GOGH

**POSSIBILIDADES DE ENSINO EM ARTES VISUAIS COM EXPERIMENTAÇÃO
ESTÉTICA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Sayonara Maria Andrade Nogueira Corrêa

O SENSÍVEL NA ARTE DE VAN GOGH

POSSIBILIDADES DE ENSINO EM ARTES VISUAIS COM EXPERIMENTAÇÃO ESTÉTICA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Antônia Dolores Belico
Soares de Alvarenga

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Corrêa, Sayonara Maria Andrade Nogueira, 1960-

O sensível na Arte de Van Gogh/Possibilidades de ensino em artes visuais com experimentação estética: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Sayonara Maria Andrade Nogueira Corrêa. – 2015.

45 f. il.

Orientadora: Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Alvarenga, Antônia Dolores Belico Soares de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *O sensível na Arte de Van Gogh*, de autoria de Sayonara Maria Andrade Nogueira Corrêa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga - Orientadora

Geraldo Freire Loyola

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

AGRADECIMENTOS

Obrigada meu Deus, pela Proteção Divina.

Obrigada minha família, pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

Obrigada minha filha Marina, por tantas vezes em que esteve ao meu lado contribuindo na realização das tarefas de cada disciplina do curso.

Obrigada professora Dolores, pela orientação, suporte ímpar nesse trabalho.

Obrigada Zezé, tutora presencial do curso e amiga de longa caminhada, pelos ensinamentos tão precisos e preciosos.

Obrigada meus amigos, Márcia e Rubens, pelas revisões de formatação, ortografia e concordância.

Obrigada colegas de curso, pela rica troca de conhecimentos.

Obrigada meus alunos, peças vivas e fundamentais desse trabalho. É por vocês e com vocês que cheguei até aqui.

“Em suma, quero chegar ao ponto em que digam de minha obra: este homem sente profundamente, e este homem sente delicadamente.”

Vincent van Gogh

RESUMO

Este estudo reflexivo realizado a partir de um plano de prática pedagógica tem como tema a possibilidade de ensino em artes visuais com experimentação estética, a partir das obras do artista Vincent van Gogh. A proposta de trabalho foi realizada com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal, localizada na zona rural de Formiga, Minas Gerais; utilizando as técnicas do desenho e da pintura. A metodologia implementada, ancorou-se nos três eixos da *Abordagem Triangular* de Ana Mae Barbosa, quando os alunos viveram a rica experiência ao tecer um diálogo entre o cenário sociocultural e histórico do artista e a sua realidade rural, significando a contextualização, a apreciação e o fazer artístico. O estudo desenvolveu-se a partir da elaboração e execução de um plano de ação pedagógica e posterior análise e reflexão do processo pertinente à temática proposta. Evidenciou-se que o ensino de artes visuais pode tecer possibilidades e organizar situações que provocam o imaginário, a fruição e o pensamento estético, bem como comprovar sua importância no desenvolvimento dos processos cognitivos, sendo Arte área de conhecimento.

Palavras-chave: Arte, artes visuais, experimentação estética, fruição.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	<i>Quarto em Arles</i> (3ª versão). Vincent van Gogh, 1889.....	19
Figura 2	<i>A Noite Estrelada</i> . Vincent van Gogh, 1889.....	20
Figura 3	<i>Autorretrato</i> . Vincent van Gogh, 1886-7.....	20
Figura 4	Leitura da biografia de Van Gogh.....	24
Figura 5	Quarto (Elivélton).....	25
Figura 6	O Quarto (Igor Silva).....	25
Figura 7	<i>A Cadeira de Van Gogh</i> . Vincent van Gogh, 1889.....	25
Figura 8	Processo de criação – Cadeira (Maria Eduarda).....	26
Figura 9	<i>A Cadeira da Escola</i> (Maria Eduarda).....	26
Figura10	<i>Noite Estrelada sobre o Ródano</i> . Vincent van Gogh, 1888.....	26
Figura 11	<i>A Noite</i> (Bianca).....	27
Figura 12	<i>A Noite</i> (Gustavo).....	27
Figura 13	<i>Estrada com Cipreste e Estrela</i> . Vincent van Gogh, 1890.....	27
Figura 14	<i>Iris</i> . Vincent van Gogh, 1889.....	28
Figura 15	<i>O Jardim do Poeta</i> . Vincent van Gogh, 1888.....	28
Figura 16	<i>A paisagem que não deu muito certo</i> (Pedro).....	29
Figura 17	<i>A natureza</i> (Talisson).....	29
Figura 18	<i>A Igreja de Auver-sur-Oise</i> . Vincent van Gogh, 1890.....	29
Figura 19	<i>Igreja Nossa Senhora Aparecida</i> (Bianca).....	30
Figura 20	<i>Igreja de Pontevila</i> (Maria Eduarda).....	30
Figura 21	<i>Avenida de Eucaliptos ao Pôr do Sol</i> . Vincent van Gogh, 1884.	30
Figura 22	<i>A Árvore abandonada</i> (Milena).....	31
Figura 23	<i>O vento nos Pinheiros</i> (Talisson).....	31
Figura 24	<i>A Colheita</i> . Vincent van Gogh, 1888.....	31
Figura 25	<i>Semeador com Pôr do Sol</i> . Vincent van Gogh, 1888.....	32
Figura 26	<i>O pecuarista</i> (Maíke).....	32
Figura 27	<i>A Fazenda de Girassol</i> (Wesley).....	32
Figura 28	<i>Autorretrato com Chapéu de Palha</i> . Vincent van Gogh, 1887....	33

Figura 29	Autorretrato (Maycon).....	33
Figura 30	Autorretrato (Maria Eduarda).....	33
Figura 31	O Quarto (Gustavo).....	35
Figura 32	Transporte de Carvão (Igor José).....	36
Figura 33	Detalhe (Fig. 32).....	36
Figura 34	Exposição Van Gogh.....	39
Figura 35	Tributo aos alunos.....	39
Figura 36	Abertura da exposição.....	39
Figura 37	Detalhe da exposição.....	39
Figura 38	Momento da visitação I.....	39
Figura 39	Momento da visitação II.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
1.1 Histórico do ensino de Arte no Brasil.....	12
1.2 O professor e o ensino de Arte na escola contemporânea.....	15
1.3 Um olhar para ver Van Gogh.....	18
2 METODOLOGIA.....	21
2.1 Por que ensinar artes visuais percorrendo as criações de Van Gogh?.....	21
2.2 A escola e o universo da pesquisa.....	22
2.3 Van Gogh e a experimentação artística dos alunos.....	23
3 ANÁLISE E REFLEXÃO DA PRÁTICA.....	34
3.1 A teoria em consonância com a prática.....	34
3.2 Explorando descobertas.....	34
3.3 Uma proposta que mudou paradigmas.....	40
4 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	44
Anexo A - Carta de autorização I.....	44
Anexo B - Carta de autorização II.....	45

INTRODUÇÃO

O ensino de Arte na contemporaneidade deve estar potencialmente em diálogo com a escola, de forma reflexiva, indagadora e criativa. E especialmente no tocante ao ensino de artes visuais, organizando situações em que a imaginação é incentivada através da criação e do desenvolvimento do pensamento estético.

O tema da proposta e investigação desse trabalho foi o estudo da trajetória artística de Vincent van Gogh, a partir de uma ação pedagógica realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de ensino, na cidade de Formiga, Minas Gerais, cujo caráter foi eminentemente reflexivo e atitudinal.

Metodologicamente, o trabalho articulou os três eixos da *Abordagem Triangular*, da arte-educadora Ana Mae Barbosa, para que os alunos trilhassem o caminho da contextualização histórica, da apreciação artística e do fazer artístico. A contextualização histórica se efetivou através de pesquisas da biografia de Van Gogh, discussões e localização do espaço sociocultural e histórico em que suas obras estão inseridas. A experimentação de materiais utilizando as técnicas de desenho e pintura, possibilitou um fazer artístico significativo, com intencionalidade no desenvolvimento da fruição e pensamento estético a partir de apreciações das obras do artista.

Pretendeu-se que essa proposta de trabalho pudesse representar possibilidades no ensino de artes visuais, desenvolvendo a observação, a imaginação e a criatividade. Objetivando o estabelecimento de significados entre o contexto sociocultural e histórico de Van Gogh e a realidade rural dos alunos, as técnicas de desenho e pintura foram trabalhadas como meio e fim para tecer os matizes de se imprimir em suas criações artísticas a sensibilidade e a emoção que o artista tão bem consagrou em suas obras.

O trabalho se estruturou em três capítulos. O primeiro relata um breve histórico do ensino de Arte no Brasil, desde os jesuítas até os dias atuais e a responsabilidade do professor contemporâneo em efetivar um planejamento no ensino de artes visuais, para que o aluno possa viver uma experiência estética significativa. Também trata esse capítulo de justificar a escolha do artista Vincent van Gogh e suas obras, como material imagético para compor a inspiração dos alunos.

O segundo capítulo apresenta o público alvo com que se efetivou o trabalho e o cenário da prática, bem como o detalhamento da metodologia implementada para a experimentação artística dos alunos.

O terceiro capítulo faz uma análise pormenorizada da prática, apresentando as considerações e reflexões dos alunos, enquanto viveram a experiência com fruição estética.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Histórico do ensino de Arte no Brasil

Para compreendermos o ensino de Arte na contemporaneidade, é preciso percorrer o caminho ao longo da história; e assim nos conscientizarmos que somos frutos de uma educação arcaica, que já avançamos muito, mas que é preciso refletir sempre acerca de nossa prática, para que nossas ações sejam fundamentadas para ensinar Arte com o objetivo primeiro de formação humana do indivíduo.

A proposta não é rever o passado a partir de ações seguindo uma cronologia temporal e estanque, mas encontrar referências que nos situem como sujeitos históricos e capazes de avançar na nossa experiência cotidiana. (GOUTHIER, 2008, p. 33)

O primeiro sistema educacional de ensino formal foi organizado pelos jesuítas, no então período colonial. A intenção primeira era a pregação da fé dentro da doutrina Católica. O ensino formal se destinava à elite, enquanto as oficinas de artesãos ficava a cargo dos demais. Para convencer os indígenas da existência de um Deus e de um Demônio, eram realizadas festas, peças teatrais e ensino de música e dança. Conhecedores de vários saberes manuais, várias técnicas de artesanato utilizando material nativo foram ensinadas aos índios com o objetivo de catequizá-los e como forma de aproximação e ensino de valores. Nasce aqui a identidade brasileira na criação artística.

A Coroa Portuguesa se sente incomodada com a resistência dos índios à escravização e expulsam os jesuítas. Chega então ao Brasil a família real e mais tarde a Missão Francesa. Em 1816 Joaquim Lebreton, do Instituto da França, chega ao Rio de Janeiro para organizar o ensino de Belas Artes. Com conteúdos voltados para a formação artística, é criada a Academia Imperial de Belas Artes. Quando Araújo Porto Alegre assume a direção da Academia em 1855, propõe uma reforma, sem sucesso, para que a instituição também ofertasse a formação de artesãos e artistas. Segundo Barbosa (2002 apud GOUTHIER, 2008, p. 34): “a concepção popular de arte de então é substituída por uma concepção burguesa [...] visto que a atividade artística não era incluída nas escolas elementares públicas”. Na tentativa de aproximar a arte da educação popular formando artífices, é criado o Liceu de Artes e Ofícios por Bethencourt da Silva em 1856. No entanto, Barbosa (2002 apud

GOUTHIER, 2008, p. 34) afirma que “o marco decisivo foi a abolição da escravatura, quando iniciou-se o processo de respeitabilidade do trabalho manual”.

Antes mesmo da Proclamação da República, nas escolas primárias e secundárias há um movimento que defende o desenho como linguagem técnica e da ciência. No final do século XIX, quando a República é instaurada, o ensino de Arte é visto com bons olhos na escola formal, pois o desenho era disciplina do currículo e segundo Gouthier (2008, p. 35), era presente “o ensino de desenho para a educação popular, que no ideal dos liberais chegou a ser a disciplina mais importante nas escolas primárias e secundárias”. O ensino de desenho como meio de formação técnica é o que prevalece nas escolas no início do século XX. Já em meados da segunda década, prevalece a importância da livre expressão do desenho infantil que servirá como meio para estudos cognitivos.

Nesse cenário histórico a educação brasileira passa por várias reformas e o pensamento da Escola Nova priorizando a abordagem técnica nas escolas, seguindo modelos estrangeiros, chega ao Brasil. Nesse contexto surge com grande expressividade e importância para o avanço do ensino de Arte no Brasil, a Semana de Arte Moderna, os artigos de Mário de Andrade que investigam a arte da criança, os cursos de Anita Malfatti que valorizavam a livre expressão da criança, sendo o professor um mero espectador e a reforma da Escola Nacional de Belas Artes realizada por Lúcio Costa.

Surgem também no Brasil, nos anos 1930, escolas especializadas em Arte para crianças e adolescentes, como a Escola Brasileira de Arte com aulas de música, desenho e pintura, coordenada por Theodoro Braga e o curso da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo, ministrado por Anita Malfatti, que diferentemente valorizava a livre expressão. Esse momento mostra visivelmente duas vertentes para o ensino de Arte no Brasil, que como nos mostra Barbosa (2005 apud GOUTHIER, 2008, p. 37), aparece como “[...] o desdobramento dialético das tensões entre Desenho como Arte e Desenho como Técnica, entre a expressão do eu e a expressão dos materiais”.

Com a ditadura do governo de Getúlio Vargas o ensino de Arte no país perde expressão. Mas nesse período Lúcio Costa propõe a reformulação do ensino de Desenho no curso secundário que abordasse o desenho técnico, o de observação e como meio de expressão.

No período pós Vargas, o ensino de Arte no Brasil perde o brilho na escola formal, mas ganha espaço fora dela com o surgimento em todo o país das Escolinhas de Arte, nos anos 1940, que priorizavam a livre expressão. Esse movimento também se preocupou em ofertar cursos para formação de professores.

Com a criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 4024/1961), a educação começa a engatinhar em autonomia e surgem vários movimentos populares educacionais, políticos, culturais e também artísticos. Nesse cenário, as ideias de Paulo Freire cujo ponto central defendia que o objetivo maior da educação é ensinar o aluno a “ler o mundo” para transformá-lo, ganha dimensão e destaque.

Vários movimentos com “ideologia de esquerda” surgem no Brasil. Paralelamente à proposta de inclusão e alfabetização também fazia parte dos discursos o apelo à cultura e arte, bem como sua popularização, com apelo fortemente focado em apresentações teatrais. No entanto, as discussões são caladas pelo Golpe de Estado de 1964.

A nova LDB (nº 5692/1971), com cunho fortemente tecnicista e profissionalizante, apresenta a nova disciplina, Educação Artística. Arte entra para o currículo obrigatório no Ensino Fundamental, mas sem foco no conhecimento, vista apenas como uma aula para lazer, relaxamento e descanso. Sem profissionais capacitados para tais aulas, visto que os professores com formação nas Escolinhas de Arte eram tidos sem graduação, em 1973 é criado o curso de Licenciatura em Educação Artística.

Nos anos 1980, ainda vivendo o Brasil as heranças da ditadura, há uma busca por construir uma educação democrática para todos, mas o ensino de Arte é esquecido em tais documentos. Nesse momento histórico, são realizados movimentos de lutas por arte-educadores, gritando por mudanças. Acontecem vários seminários, congressos e encontros onde são criadas as associações estaduais de arte-educadores e também a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB).

Um novo cenário se abre para a educação brasileira e a LDB (nº 9394/1996) extingue a disciplina Educação Artística e entra no palco a disciplina Arte, oficialmente então, reconhecida como área de conhecimento e voltada para o desenvolvimento cultural dos alunos. Concomitantemente em meio a tantas lutas e mudanças a arte-educadora Ana Mae Barbosa, principal referência para a sistematização e ensino de Arte nas escolas brasileiras, desenvolve a Abordagem

Triangular (1987) que sintetiza o conhecimento em arte a partir de três eixos: a contextualização histórica, o fazer artístico e a apreciação artística. Os avanços continuam e em 1998 com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), baseados na Abordagem Triangular, Arte é reconhecida como componente curricular obrigatório e é considerada área de conhecimento de grande importância na formação e desenvolvimento do educando.

O ensino de artes visuais no espaço escolar contemporâneo exige um olhar reflexivo e voltado para repensar o processo de ensino e aprendizagem, visto que vivemos um momento histórico, em que Arte reconhecida como área de conhecimento e ter se tornado “componente curricular obrigatório” (BRASIL, 1996), representa um referencial importante na formação plena de nosso aluno.

A presença da disciplina Arte no currículo escolar sedimenta sua especificidade pedagógica como elo essencial no processo educativo. Sendo um significativo campo do saber, estabelece relações com a vida, a história e a cultura. Amparada pela obrigatoriedade legal, os PCNs especificam:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p.19)

Dentro desse contexto o professor de Arte nos dias de hoje, deve ser um eterno pesquisador e um facilitador intencional na efetivação de um ensino de Arte consciente e transformador. Nesse sentido Ana Mae Barbosa, nos adverte ao afirmar que:

Os professores de arte conseguem os seus diplomas mas eles são incapazes de prover uma educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como autoexpressão. Muito aprendizado seria necessário além do que a universidade vem dando até agora (BARBOSA, 1989, p. 181).

1.2 O professor e o ensino de Arte na escola contemporânea

A necessidade de se planejar um ensino de Arte com rigor e cuidado, torna-se urgente. Planejamento esse que possa proporcionar aos alunos os caminhos

oportunos que viabilizem o apropriar-se de seus conceitos contribuindo assim para o desenvolvimento de sua capacidade criadora.

Nesse contexto, faz-se necessário que o ensino de artes visuais articule situações e propostas que provoquem a imaginação, a criação, a apreciação, a reflexão crítica, a fruição, a curiosidade, a experimentação, o despertar do pensamento estético. A abordagem metodológica para que o ensino de Arte seja significativo, contextualizado e indissociável do saber cultural deve representar o diferencial nas diversas possibilidades de aprendizagem. Segundo Barbosa (2008), o ensino de Arte deve ser pensado a partir de três ações básicas, que são o fazer artístico, a contextualização e a apreciação. É nessa abordagem metodológica que o presente trabalho se ancora, para que a ação pedagógica proposta seja significativa e enriquecedora no ensino em artes visuais. Nesse sentido Pimentel (2008, p.16), assegura: “Uma arte/educação pós-moderna enfatiza a habilidade de se significar obras de arte sob o aspecto do seu contexto social e cultural, como principal resultado da instrução”.

A necessidade de se pensar um ensino de Arte, focado nas artes visuais, em um mundo repleto de imagens e símbolos, deve ser prioridade no planejamento de um arte-educador, com intencionalidade no desenvolvimento da capacidade criadora do aluno e que possa demarcar um diálogo consciente e reflexivo com seu contexto espaço-temporal e cultural.

Conhecer as artes visuais é saber produzir e refletir estética e artisticamente sobre as imagens visuais, o que implica um envolvimento cognitivo, perceptível e sensível com as formas dessas imagens. Por forma, em Arte, estamos entendendo a sua totalidade, a sua “inteireza”, que a torna diferenciada e única perante as demais. Todavia não existe nenhuma dimensão de visualidade que não tenha suas raízes no mundo cultural. Desde os primeiros registros visuais do homem pré-histórico, até os últimos avanços tecnológicos a expressão visual vem se ampliando no domínio das linguagens artísticas e através do próprio imaginário cultural. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p.79-80)

E paralelamente:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2002, p.18)

É função do professor ser provocador e oportunizar ao aluno a habilidade em significar, interpretar, emitir juízo, desconstruir e construir as visualidades, desenvolvendo assim a percepção crítica e a criatividade. E é essa significação que sedimenta o conhecimento artístico e propicia a poesia de se viver uma experiência estética entrelaçada com a imaginação. O professor, no papel de “aprendiz há mais tempo” (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p. 49), deve caminhar com seus alunos, percebendo como as imagens influenciam os pensamentos, ações, sentimentos e emoções, compondo a identidade do criador. De acordo com Ostrower (1990, p. 253): “Criar significa poder compreender e integrar o compreendido em novo nível de consciência. [...]”. Este fazer é acompanhado de um sentimento de responsabilidade, pois se trata de um processo de conscientização.

O presente trabalho oportunizou aos alunos a vivência de uma experiência estética a partir de reflexões sobre as obras de Van Gogh e a gama imagética que sua arte nos legou, usando as técnicas de desenho e pintura.

Para Coelho (2008), o desenho é uma ferramenta de reflexão e uma técnica econômica, pois nos proporciona a experimentação de desenhar no pensamento e imaginar figuras e cenas que ganham forma com lápis sobre papel, graveto ou dedo no chão de terra e até mesmo carvão sobre papel. O desenho tem como característica principal, ser uma atividade contínua entre o pensamento e registro de sua forma.

Segundo Volpini (2008), a pintura é a arte de apresentar fatos naturais, ideias, sentimentos e emoções, usando tintas, pigmentos ou corantes sobre diversas superfícies, tanto bidimensionais como tridimensionais.

A trajetória do trabalho representou um constante diálogo entre o cenário sociocultural e histórico do artista e a realidade rural dos alunos. De acordo com Santa Rosa e Scaléa (2006, p. 15) [...] “a arte possibilita ao artista mostrar o seu olhar e a sua leitura do mundo em que vive ou viveu”. É essa leitura de mundo que sustentou a ação pedagógica desenvolvida com os alunos; a leitura de mundo que Van Gogh tinha em seu tempo e que se torna atemporal, pois foi a mesma leitura de mundo que os alunos realizaram em seus meios rurais, priorizando a simplicidade das cenas e a pureza de sentimentos, próprias do artista. Van Gogh realmente é um semeador eterno, não só em seu tempo, mas consegue se mostrar inteiro e nos remete hoje ao bucolismo do sertão, o mesmo de João Guimarães Rosa, que é complexo por si só e não precisa de situações e palavras efusivas como *famigerado*.

Por um lado, a obra de arte emerge da história: ela nasce numa determinada situação histórica e com um preciso condicionamento temporal, mas não é produzida pela história que a precede, porque, de preferência, dela extrai sustento e nutrição, e, dela nascendo, detém o fluxo horizontal do tempo para dele sair verticalmente, e, para fixar-se num valor doravante intemporal: universal, isto é, irreconhecível, eviterno, isto, é, perene. [...] Por um lado, a história se derrama na obra precisamente no ato com que a obra emerge da história, e, por outro, a obra age na história precisamente no ato em que a história age sobre a obra: estes são os aspectos da história da obra, que, nascendo como intemporal no tempo, vive temporalmente além do tempo. [...] (PAREYSON apud FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 107-108)

Trabalhar o ensino de artes visuais dentro da escola, de forma intencional, qualificada e planejada, com respaldo metodológico, possibilitou ao aluno viver uma experiência significativa em Arte e percebê-la como um processo ativo, dinâmico e reflexivo que dialoga com o passado ao mesmo tempo que o faz com a atualidade; com o aporte da contextualização, fruição e criação em arte.

1.3 Um olhar para ver Van Gogh

Por que dentre tantos temas e tantos artistas, o escolhido foi Vincent van Gogh? Em um mundo extremamente materialista e imerso na cultura do descartável é preciso criar espaços, especialmente nas aulas do ensino de Arte para a poesia e a sensibilidade de se perceber o estado de espírito de um gênio criador, que conseguia apenas com pincel e tinta criar o vento, o brilho das estrelas, o farfalhar dos campos floridos e os sentimentos mais complexos da alma humana em uma abundância exuberante de cores.

Em *Cartas a Théo*, tradução de Ruprecht (1997) e segundo Venezia, (1997), Vincent Willem Van Gogh foi um pintor holandês que viveu no século XIX (1853-1890) e foi um dos maiores pós-impressionistas de todos os tempos. Nascido em uma família de classe média, foi obrigado a trabalhar desde tenra idade. Com apenas 16 anos foi vendedor de quadros, aos 23 foi professor em escolas primárias de pequenas cidades. Logo em seguida, aos 24 anos, foi trabalhar em uma livraria; insatisfeito resolveu seguir os caminhos do pai que era pastor e com 26 anos foi missionário e pregador. Ele não se encontrou em nenhuma dessas profissões e a partir dos 27 anos se dedicou somente ao desenho e à pintura. Desde então não parou mais. Sua obra consta de mais de novecentos quadros, com intensidade de cores vivas. Só foi reconhecido após a sua morte e é admirado e respeitado até hoje

como um dos maiores artistas, um verdadeiro gênio que eternizou a vida e as imagens através de sua arte.

Van Gogh é universal e seu tempo é somente dele, embora suas obras estejam inseridas nos movimentos Impressionista, Pós-impressionista, Expressionista, Neorealismo. As técnicas de suas obras são extremamente vanguardistas, entretanto os temas e as cenas por ele retratados são repletos de simplicidade. Os desenhos e as pinturas de Van Gogh são puramente a representação de seu mundo visível, com fidelidade de detalhes ao se expressar com sentimento e emoção. Ele mostra e relata o que está à frente de seus olhos, sem adorno, sem retoques. O sentimento é tão puro que ele consegue nos alcançar em nossa cultura, sendo atemporal.

Van Gogh é tão fidedigno com ele mesmo que não consegue mentir em suas obras: *O Quarto em Arles* (Fig.1) nada mais é do que se tem e se precisa em um quarto, *A Noite Estrelada* (Fig.2) é simplesmente uma noite com estrelas e lua, os autorretratos (Fig.3) são exatamente quem ele era no momento da pintura.



Fig.1 - Quarto em Arles (3ª versão, final de Setembro de 1889), Musée d'Orsay Paris

Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>

Acesso em: 01 jun. 2015.



Fig. 2 - A noite estrelada, 1889. The Museum of Modern Art (MoMA)

Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>

Acesso em: 01 jun. 2015



Fig.3 - Autorretrato 1886-7. Art Institute, Chicago

Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>

Acesso em: 01 jun. 2015

2 METODOLOGIA

2.1 Por que ensinar artes visuais percorrendo as criações de Van Gogh?

Estudar Van Gogh é entender que não se pode mentir para quem realmente somos e para o que sentimos, é nos remeter aos sentimentos mais primitivos, que trazem consigo a verdadeira essência do que é ser humano. Em *Cartas a Théo* (1997), Van Gogh se expressa com pureza e simplicidade ao dizer que o seu desejo é realizar obras que sejam sérias e que principalmente tenham alma. E é essa fidelidade com os sentimentos de cada aluno, que foi resgatada em cada criação.

Estudamos a trajetória artística de Vincent van Gogh, refletindo a partir dos traços de suas pinceladas, da maneira sensível com que dava forma aos sentimentos e sensações e da intenção explícita em retratar sua visão e intencionalidade no uso de cores vibrantes. O contato com a obra de Van Gogh e com o Pós-impressionismo, possibilitou aos alunos estabelecer um paralelo entre o contexto histórico e social visualizados nas criações do artista e o contexto atual.

Como objetivo primeiro, o trabalho pretendeu proporcionar possibilidades de vivências em Arte, para que o aluno pudesse investigar, apreciar, contextualizar e percorrer seu processo de criação com um olhar crítico, explorando a expressão artística como forma de fomentar experiências estéticas. Assim pretendeu-se desenvolver um trabalho que priorizasse a leitura crítica e um olhar reflexivo na trajetória das produções artísticas de Van Gogh, o contexto histórico, cultural e social em que foram criadas, significando os matizes de ver, olhar, observar e absorver, na construção da aprendizagem e da experimentação artística.

Para Pimentel (2008), diversos métodos foram adotados para o ensino de Arte no Brasil, sendo que a maioria importados. E mesmo hoje, no século XXI, com a oferta de várias possibilidades para o ensino de Arte, corremos o risco de não sair da mesmice. Criar metodologias adequadas a cada situação, que seja flexível, garantindo ao mesmo tempo continuidade e ruptura; é o desafio para o professor de Arte nesse século. Só assim o ensino possibilitará experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística.

Por que estudar Van Gogh? Porque as cenas que ele pintava, eram cenas do cotidiano, principalmente de natureza do campo, bem próximas das cenas que o

entorno dos alunos oferece. Assim os alunos puderam viver uma experiência estética próxima de sua realidade e com a mesma pureza de sentimentos do artista.

Arte, enquanto área de conhecimento, além de ser um modo de pensar, de chegar a produções inusitadas e estéticas, de propor novas formas de ver o mundo e de apresentá-las com registros diferenciados, é também uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político (PIMENTEL, 2008, p. 10).

2.2 A escola e o universo da pesquisa

A intencionalidade em articular o referencial teórico com a ação pedagógica na área do ensino em artes visuais, utilizando a trajetória artística e o viver uma experiência estética inspirada em Vincent van Gogh, direcionou a análise das ações a uma pesquisa bibliográfica, cujo caráter é eminentemente reflexivo e atitudinal, amparada na metodologia proposta pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, a *Abordagem Triangular*, que enfatiza a contextualização, a apreciação e o fazer artístico.

O cenário da prática pedagógica foi uma escola da rede municipal de ensino, localizada na zona rural do distrito de Pontevila na cidade de Formiga, Minas Gerais. A escola oferece educação infantil, séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, em um prédio com boa infraestrutura.

O público alvo na implementação da ação foram 19 alunos do 9º ano, com faixa etária entre 14 e 17 anos, que habitam o próprio distrito e comunidades rurais vizinhas. Os alunos bem como suas famílias têm nível socioeconômico médio-baixo. Os pais têm escolaridade mínima e são na maioria caseiros, jardineiros ou trabalhadores braçais na área pecuária e ou agricultura.

A rede municipal de ensino oferece em sua grade curricular, para os anos finais do Ensino Fundamental uma aula semanal de Arte e somente para o 9º ano, contemplando os quatro conteúdos previstos nos PCNs, a saber: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança; sistematizados a partir de um planejamento anual, elaborado pelos próprios professores e avalizado pela Secretaria Municipal de Educação. Embora exista um planejamento e Arte faça parte do currículo escolar, a escola não possui um espaço próprio e adequado para as aulas, nem material satisfatório. Dispomos apenas de papel, tinta guache com poucos pincéis, lápis

coloridos e giz de cera. Até mesmo uma atividade realizada com um simples carvão, é necessário que o professor providencie esse material assumindo seu ônus.

O contato dos alunos com Arte se dá tão somente na escola. Visita a museus e a espaços que guardam obras de arte, contato com revistas, livros e sites que contemplam o tema Arte não fazem parte da realidade de vida familiar dos alunos. Mas com criatividade e muita vontade de viver, aprender e ensinar Arte junto a nossos alunos e amparados na proposta político pedagógica da escola que aposta em projetos que buscam um aprendizado significativo e que os incentiva, esse trabalho ganhou corpo e vida.

No contexto da educação escolar, a disciplina Arte compõe o currículo compartilhado com as demais disciplinas num projeto de envolvimento individual e coletivo. O professor de Arte, junto com os demais docentes e através de um trabalho formativo e informativo, tem a possibilidade de contribuir para a preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem, saibam compreendê-lo e nele possam atuar (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 22).

2.3 Van Gogh e a experimentação artística dos alunos

Atuando como docente há mais de dez anos nessa instituição, direcionei o trabalho para a mesma, com o objetivo primeiro de significar o ensino de Arte e tecer a possibilidade de se viver uma experiência estética, construída a partir de pesquisa, apreciação e criações, tendo como referencial o artista Vincent van Gogh, pois com temas simples em suas obras e uso abundante de cores é provocador.

A trajetória da ação pedagógica em questão foi realizada no segundo semestre do ano letivo de 2015, tendo como procedimento de análise e reflexão das ações implementadas, a luz de referenciais teóricos pesquisados, que abordam e atribuem valor à temática. Referenciais esses, que representam o aporte dessa prática pedagógica e pontuam os passos da mesma, desde o planejamento, a pesquisa, a execução e a avaliação.

A proposta teve início com a leitura de um livro didático, *Mestres das Artes – Vincent van Gogh*, de Mike Venezia; que tece de uma maneira agradável, ilustrada e recheada de divertimento a biografia do artista (Fig.4). Também o livro apresenta várias obras do artista para apreciação.



Fig. 4 - Leitura da biografia de Van Gogh¹

Iniciamos uma discussão acerca do livro, comentando sobre a realidade sociocultural e histórica em que o artista viveu e observando as várias obras contidas no mesmo. Em continuidade à apreciação, visitamos vários sites na internet que disponibilizam as imagens das obras de Van Gogh e também realizamos uma visita virtual ao *Museu Van Gogh* em Amsterdã.

A primeira obra apresentada aos alunos foi *Quarto em Arles* (Fig.1), onde os alunos puderam perceber a fidelidade do artista ao retratar o seu quarto, um quarto como outro qualquer, com objetos que o compõem semelhantes aos de cada um. A proposta foi o desenho com lápis preto ou colorido, que trabalhasse o olhar curioso e investigativo, que dialogasse com a realidade de cada um; uma criação artística que cada aluno fez de seu próprio quarto, (Fig.5) e (Fig.6). Particularmente instigante foi o resultado da produção artística do aluno Elivélton, destacado na figura 5 e que será analisado no capítulo 3.

¹ Todas as fotografias dos trabalhos dos alunos e das atividades escolares, inseridas nesta monografia, são de autoria da aluna e pertencem ao seu acervo pessoal.

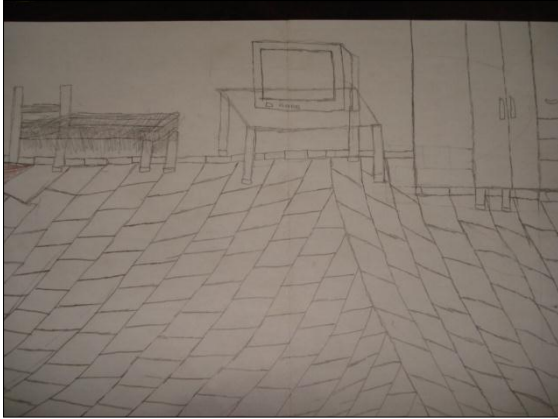


Fig. 5 – Quarto - Elivelton (15 anos)

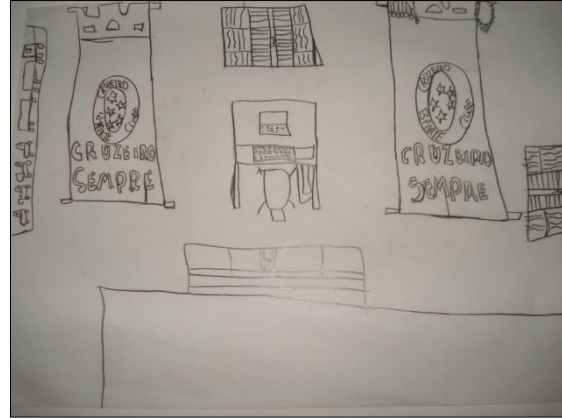


Fig. 6 - O Quarto - Igor Silva (15 anos)

Ainda dentro do fazer artístico, *A Cadeira de Van Gogh* (Fig.7) foi apresentada aos alunos e discutimos acerca da simplicidade dos traços e grandiosidade de sentimentos e cores. A partir dessa imagem os alunos criaram outro fazer artístico, com lápis preto ou colorido, *A Cadeira da Escola* (Fig.8) e (Fig.9).



Fig. 7 - A cadeira de Van Gogh, 1889. The Trustees of The National Gallery, Londres
 Fonte: Aula de Arte. História da Arte.
 Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>
 Acesso em: 01 jun. 2015

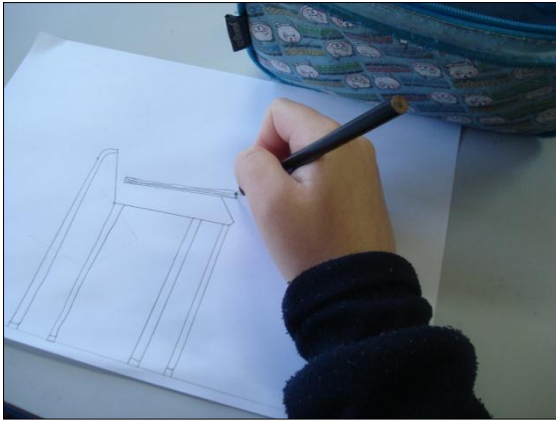


Fig.8 – O processo de criação - Cadeira
Maria Eduarda (14 anos)

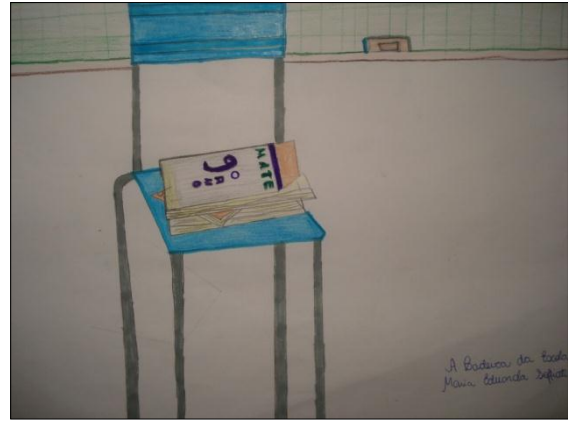


Fig.9 - A Cadeira da Escola
Maria Eduarda (14 anos)

É sabido que na zona rural a visão que temos da noite, e tudo que seu entorno nos oferece, é esplendorosa. Essa visão de noite com toda luminosidade, profundidade e fidelidade de cores que podemos observar em *Noite Estrelada sobre o Ródano* (Fig.10), foi o convite aos alunos para criarem com lápis preto, colorido ou giz de cera, suas manifestações artísticas a partir do que podiam olhar, ver, observar e sentir na paisagem da noite de cada um (Fig. 11) e (Fig. 12).



Fig.10 - Noite estrelada sobre o Ródano,1888. Musée d'Orsay, Paris

Fonte: Google Cultural Institute.

Disponível em: <<https://www.google.com/culturalinstitute/collection/van-gogh-museum>>

Acesso em: 27 set. 2014.



Fig. 11 - A Noite - Bianca (14 anos)



Fig. 12 - A noite - Gustavo (15 anos)

Toda a visualidade e convite à criação que o meio rural, recheado de cenas de natureza virgem, oferece, significaram as interpretações artísticas dos alunos, inspirados nas obras immortalizadas de Van Gogh, *Estrada com Cipreste e Estrela* (Fig.13), *Íris* (Fig.14) e *O Jardim do Poeta* (Fig.15).



Fig.13 - Estrada com cipreste e estrela, 1890. Rijksmuseum Kröller-Müller, Otterlo

Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>

Acesso em: 01 jun. 2015



Fig.14 - Iris, 1889. J. Paul Getty Museum, Los Angeles, Califórnia
 Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>
 Acesso em: 01 jun. 2015



Fig. 15 - O Jardim do Poeta, 1888. Art-Institute, Chicago
 Fonte : Art Institute Chicago. Collections

Disponível em: <http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/14586?search_no=2&index=12>
 Acesso em: 15 set. 2015.

Assim em um passeio nos arredores da escola, com tinta guache sobre cartolina, os alunos criaram a cena da natureza que observaram, (Fig.16) e (Fig.17). Vale ressaltar o título que o aluno Pedro deu à sua criação, como motivo instigante para uma conversa e avaliação que também será tratada no capítulo 3.



Fig. 16 – A paisagem que não deu muito certo – Pedro (14 anos)



Fig. 17 – A natureza - Talisson (15 anos)

Outra proposta desse trabalho foi a partir da obra *A Igreja de Auver-sur-Oise* (Fig.18), que bem nos mostra como a igreja é um marco histórico e de fé em um povoado. Em Pontevila, o início do distrito foi marcado pela construção da Igreja Nossa Senhora Aparecida, que recentemente foi reconstruída, a qual embalou o imaginário dos alunos em suas criações, com guache sobre cartolina, (Fig.19) e (Fig.20).



Fig.18 - A igreja de Auver-sur-Oise, 1890. Musée d'Orsay. Paris
Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>
Acesso em: 01 jun. 2015



Fig.19 - Igreja Nossa Senhora Aparecida
Bianca (14 anos)



Fig.20 - Igreja de Pontevila
Maria Eduarda (14 anos)

Pontevila é um vilarejo privilegiado pelas muitas árvores em seu entorno. Um dos alunos inclusive disse que “Pontevila é amazônica”. Estudando as obras de Van Gogh foram apresentadas aos alunos, algumas, com o tema árvores, *Estrada com Cipreste e Estrela* (Fig.12), *O Jardim do Poeta* (Fig. 14) e *Avenida de Eucaliptos ao Pôr do Sol* (Fig. 21), ofertando a eles a possibilidade de se tornarem apreciadores e em contextualizado diálogo com o universo e o imaginário do artista buscaram inspiração nas visualidades do entorno da escola para suas criações com carvão sobre papel (Fig.22) e (Fig. 23).



Fig. 21 - Avenida de eucaliptos ao Pôr do Sol, 1884-10. Rijksmuseum Kröller-Müller, Otterlo
Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>
Acesso em: 01 jun. 2015



Fig. 22 - A Árvore abandonada
Milene (16 anos)



Fig. 23 - O vento nos Pinheiros
Talisson (15 anos)

E finalizando o trabalho, os alunos apreciaram as obras *A colheita* (Fig.24) e *Semeador com Pôr do Sol* (Fig. 25) que dialogam com seu meio social rural, retratam o trabalho no campo com pessoas simples, trabalhadores braçais, cenários do cotidiano que Van Gogh tão bem tirava de sua paleta, abusando das cores como símbolo e matizes de expressão e puro sentimento. Imagens bem próximas do universo dos alunos que também teceram o seu fazer criativo (Fig.26) e (Fig.27).



Fig.24 - A colheita, 1888. Rijksmuseum Vincent van Gogh. Amsterdã
Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>
Acesso em: 01 jun. 2015



Fig.25 - Semeador com Pôr do Sol, 1888. Rijksmuseum Kröller-Müller, Otterlo
 Fonte: Aula de Arte. História da Arte.

Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo>
 Acesso em: 01 jun. 2015

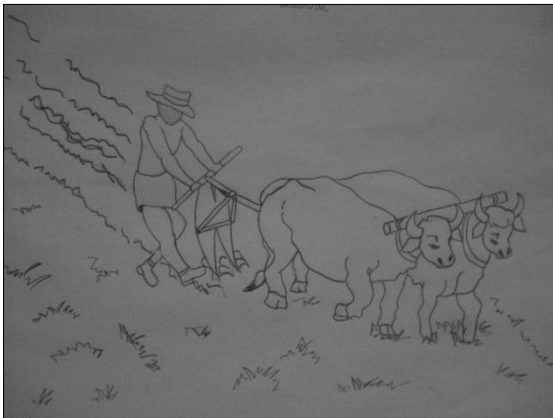


Fig. 26 - O Pecuarista, Maíke (15 anos).



Fig. 27 – A Fazenda de Girassol
 Wesley (15 anos)

Um desafio provocador foi lançado aos alunos. Observamos vários autorretratos, entre os trinta e cinco de Van Gogh e o semblante diferente que há em cada um deles, registrando exatamente como o artista se via no momento da criação e que se pode ver nesse de 1887 (Fig.28).

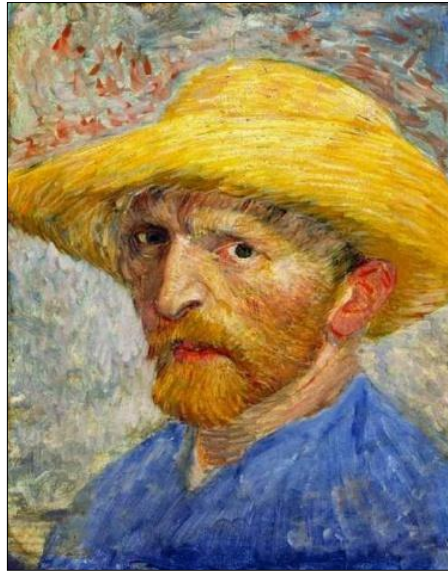


Fig. 28 - Autorretrato com Chapéu de Palha, 1887- El Instituto de Artes de Detroit. Michigan, USA
Fonte: Google Cultural Institute.

Disponível em: <<https://www.google.com/culturalinstitute/collection/van-gogh-museum>>
Acesso em: 27 set. 2014.

O desafio foi que cada aluno criasse seu autorretrato. A princípio viveram uma sensação de insegurança e desconforto, mas logo a venceram e ousaram nas criações, superando as expectativas.



Fig.29 - Autorretrato Maycon
(15 anos)



Fig.30- Autorretrato Maria Eduarda
(14 anos)

3 ANÁLISE E REFLEXÃO DA PRÁTICA

3.1 A teoria em consonância com a prática

A reflexão, a partir da observação das obras de Van Gogh, procurou provocar o olhar dos alunos e amadurecer a sua percepção que, agregada ao sentimento e à imaginação, construíram todo o processo de sua criação artística.

Todo o trabalho objetivou que os alunos compreendessem o valor expressivo da arte e construíssem o elo que une o ver, o contextualizar e o criar. Assim eles perceberam que através da arte é possível recriar o mundo à nossa volta, imprimindo toda sensação e sentimento com nossa marca criativa.

O desenvolvimento do trabalho mostrou como é possível revelar em criações artísticas muitos aspectos de história de vida, bem como resgatar o respeito por si mesmo e pelo outro. Foi possível perceber que as criações dos alunos significaram o cotidiano e as imagens de seu contexto social, em diálogo constante com a diversidade de cada um e fomentando o crescimento de relações de alteridade.

Percebeu-se que a experiência estética que os alunos viveram a partir das obras de Van Gogh, teve um significado único para cada um, com gostos e olhares distintos, bem como as formas de se expressar, mas que convergiam naturalmente para um só processo de reflexão, interiorização e expressão de sentimentos.

Durante o período de vivência da prática pedagógica em questão, foi considerado todo o referencial teórico estudado no Curso de Especialização em ensino de Artes Visuais, bem como todos os referenciais pesquisados e tratados nesse trabalho.

3.2 Explorando descobertas

Um momento também precioso da experiência foi compartilhar o processo de criação construindo conceitos e significando o conhecimento. Desse modo a oportunidade de momentos para discussões, quando cada um pôde falar de suas experiências e trajetórias das criações, desde o seu repertório imagético até a finalização do trabalho, foi enriquecedora e naturalmente avaliativa.

Quando da leitura do livro sobre a vida de Van Gogh, de Mike Venezia, onde foram visualizadas também várias de suas obras, um dos alunos, foi rápido e

preciso: *“Mas tem muita coisa em um desenho só”*. Interessante perceber como as obras de Van Gogh mexeram, logo de início, com a parte racional dos alunos, tirando-os de sua zona de conforto.

O desenho de Van Gogh é uma verdadeira festa de textura. As texturas são geradas por gestos numerosos: pontuais, circulares e retos, que, na repetição enfática, minuciosa e detalhada, constroem espaços compostos pela justaposição destes grupos de texturas. Os desenhos de Van Gogh são mapas territoriais: os gestos compõem ritmos, cadenciando um universo em cada pedacinho do papel. [...] é um desenho exigente. A percepção é global, múltipla e simultaneamente parcial; cada espaçozinho do papel é pontuado pelo lápis, pela tinta, pelo pincel, pela cor, matéria e linha. Você não descansa ao ver um desenho de Van Gogh (DERDYK, 1989, p. 174).

Algumas considerações acerca das criações dos alunos, muito pertinentes com a proposta de experimentação estética a partir de sensações, sentimentos e impressões de história de vida, passo a relatar nesse momento de reflexão.

O desenho do aluno Elivélton, (Fig. 5), imprime também no papel toda sua experiência e história de vida, com muito sentimento. Na casa em que o aluno morava não havia piso e recentemente mudou-se para uma casa em que há piso nos cômodos. Seu desenho retrata bem a importância desse detalhe em seu quarto.

O aluno Gustavo (15 anos) foi desafiado pelos colegas, quando disseram que ele não era capaz de desenhar o seu quarto. Gustavo quis mostrar para todos que o seu desenho de quarto seria feito sim, e desenhou uma casinha de cachorro, com seu nome escrito em uma placa (Fig.31). Seria esta atitude o reflexo de uma baixa estima? Ou seria rebeldia? Ou seria simplesmente uma resposta à provocação dos colegas e uma particular provocação à professora?



Fig.31 - O quarto – Gustavo (15 anos)

Vários alunos disseram que ao criarem o desenho de seu quarto puderam observar objetos presentes, que não tinham percebido a sua existência até então. O aluno Igor Silva (15 anos) nunca tinha prestado atenção em um rosário que fica na cabeceira de sua cama (Fig.6). Maike (15 anos) nunca observou que na cabeceira da cama de seu irmão há um quadro dos *Três Reis Magos*. A possibilidade de criarem um desenho de seu quarto trabalhou a observação e a memória dos alunos.

Pedro (14 anos) ao realizar seu desenho a partir da observação da natureza, deu-lhe um nome bem peculiar: *A paisagem que não deu muito certo* (Fig. 16). Segundo o aluno um pouco de tinta amarela caiu no papel por acidente, ele tentou colocar o verde por cima e não deu muito certo; não era aquela cena que observava. Mas a partir de nossa conversa e reflexão o aluno passou a gostar de sua criação e achá-la significativa.



Fig.32 - Transporte de carvão, Igor José (16 anos)



Fig.33 – Detalhe/Fig.32

A frase que o aluno Igor José (16 anos) inseriu em seu desenho (Fig.31) e (Fig.32): *“Andar é arte correr faz parte”*, frase feita, bem própria de adolescente, mas nos mostra que a experiência artística vivida pelo aluno influenciou sua criação relacionada à sua história e visão de trabalho.

Maria José Boaventura, artista plástica e também tutora presencial do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, apreciou algumas criações dos alunos e presenteou Talisson (15 anos) com um curso de desenho em seu atelier. O aluno está adorando e respondendo muito bem à proposta. Esse episódio gerou uma alegria entre todos os alunos com uma dose grande de admiração pelo colega e a sensação de que o trabalho de todos, durante a experiência vivida, gerou frutos e existe a possibilidade de gerar muitos outros.

Durante o processo avaliativo da experiência vivida, os alunos responderam algumas questões reflexivas sobre toda a prática, e expectativas futuras. Passo a relatar as questões refletidas, bem como algumas considerações dos alunos.

- 1) O que representou para você a experiência vivida?
 - “A emoção de desenhar o que eu estava vendo.” Igor José (16 anos)
 - “Foi uma experiência onde vi que se gasta horas em um desenho.” Daniel (14 anos)
 - “Gostei muito porque nunca imaginei desenhar o que eu desenhei durante esse período.” Milene (16 anos)
 - “Eu achei legal e queria outra.” Maike (15 anos)
 - “Um pouco mais de aprendizado sobre Arte e a descoberta das sensações sentidas e expressas ao pintar.” Maria Eduarda (14 anos)
 - “Representou que na arte não existe tela feia, são todas lindas e todas as críticas são construtivas.” Olávia (14 anos)
 - “Criação e descoberta de sentimentos.” Bianca (14 anos)

- 2) O que mais chamou a sua atenção na arte de Van Gogh?
 - “O jeito que ele expressa seus sentimentos nas pinturas.” Olávia (14 anos)
 - “Seus traços e perfeição.” Rogério (15 anos)
 - “A sua simplicidade com uma pintura cheia de emoções.” Gustavo (15 anos)
 - “O realismo, o sentimento e o movimento que parece existir no que ele pintou.” Maria Eduarda (14 anos)
 - “A maneira que ele expressa seus sentimentos em sua arte.” Milene (16 anos)
 - “Ele representar suas imagens nos mínimos detalhes.” Igor Castro (17 anos)
 - “A maneira de como ele desenhava. Os traços, as cores, parecem estar em movimento.” Talisson (15 anos)

3) Qual foi a obra do artista, das quais observamos, de que você mais gostou?

- A maioria dos alunos respondeu que foi *A Noite Estrelada*, 1889 (Fig. 2).

4) Qual foi a criação feita por você, de que mais gostou e que esteve em contato direto com seus sentimentos e emoções? Justifique.

- “A Noite. No dia que fiz me senti em total contato com a natureza.” Bianca (14 anos)
- “A Igreja. Eu tive um momento para refletir sobre as coisas que eu tenho feito.” Alex (15 anos)
- “O Quarto. Porque retratou meu lado pessoal.” Izabelle (14 anos)
- “A arte da natureza com carvão. Porque foi uma arte muito diferente que trabalhei até hoje.” Wesley (15 anos)
- “O desenho do Quarto. Porque eu não tinha prestado atenção nas coisas ao meu redor.” Elevelton (15 anos)
- “O trabalho do dia a dia. Porque retratou nossa *sofrência*², nosso trabalho e nossa vida difícil.” Luís Felipe (15 anos)
- “O *Pecuarista*. Porque quando criança eu trabalhei com meu avô arando a terra, com bois.” Maike (15 anos)
- “O desenho da Igreja porque foi o que tive mais dedicação.” Daniel (14 anos)

5) Gostaria de viver essa experiência novamente com um outro artista? Qual?

- A maioria dos alunos disse que sim. O artista escolhido para alguns foi Leonardo da Vinci. Houve uma escolha de Paul Gauguin e outra de Pablo Picasso. A maioria disse não conhecer outro artista para escolher. Até o colega Talisson, o qual está fazendo o curso de desenho no atelier de Maria José Boaventura, foi escolhido. Somente 6 alunos responderam negativamente, justificando não gostarem de Arte e terem preguiça; embora

² Segundo o Dicionário Informal, *sofrência* é um neologismo da língua portuguesa que entre outros significados, é o ato de sofrer continuamente, de maneira depressiva e lastimável.

quando refletiram acerca da primeira questão manifestaram ter gostado da experiência vivida.

Um momento de apreciação de todo o trabalho foi a *Exposição van Gogh*, realizada nas dependências da escola, apresentando todas as criações dos alunos. Foi um momento de alegria e sensação de “colheita do fruto” (Fig. 34 a Fig. 39).

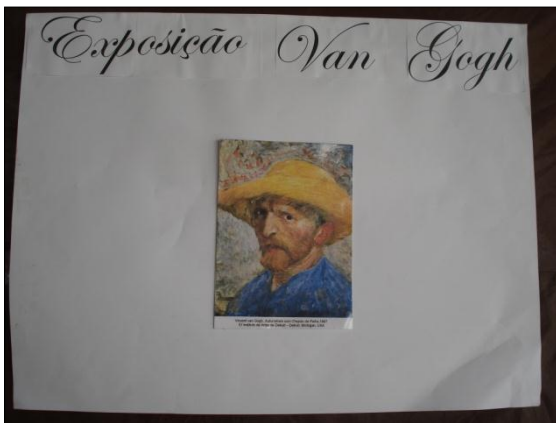


Fig. 34 - Exposição Van Gogh



Fig. 35 - Tributo aos alunos



Fig. 36 - Abertura da exposição



Fig. 37 - Detalhe da exposição



Fig.38 - Momento da visitação I



Fig.39 - Momento da visitação II

3.3 Uma proposta que mudou paradigmas

Ao ser apresentado aos alunos a proposta da experiência que iríamos viver a partir das obras do artista Vincent van Gogh, houve um certo desconforto, acostumados até então com aulas de Arte que se resumem em esboços prontos somente para pintar ou colorir. Foi um desafio que gerou insatisfação e medo, a princípio, trazendo à tona ideias pré-concebidas do “eu não dou conta” ou “eu não consigo”.

O processo de criação em artes visuais é mutável, dinâmico, íntimo e demanda esforço e atenção específica por parte do artista. Não é um território de intensa calma, segurança ou clareza. O instante de gestação de um trabalho é baseado inicialmente em estruturas imprecisas e que nem sempre a consciência do todo é percebida. (SANTANA, 2008, p.27)

Foi gratificante ver o crescimento da autoconfiança dos alunos, ao vencerem a barreira do medo da crítica, e visualizarem a possibilidade do desenvolvimento de um processo criativo. Acostumados com a mesmice de esboços prontos, somente para preencher com lápis colorido, viveram uma experiência ímpar no ensino de artes visuais, com a viabilidade de experimentação de materiais. Assim trabalharam a memória, a sensibilidade e a criatividade, como gene primeiro para uma significativa vivência em fruição estética.

Enquanto professora de Arte, pela primeira vez em toda trajetória docente, considero ter aprendido muito mais que os alunos. Foi uma experiência provocativa, tanto para os alunos, quanto para a professora, corroborando com uma rica troca entre a sensibilidade e a razão, efetivando assim o processo educativo no ensino de artes visuais. Vale lembrar as palavras da grande Cora Coralina: *“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”*.

O engajamento dos alunos nas criações, procurando educar o seu olhar e o seu sentir, vencendo o medo e a insegurança, mostrou que o ensino de artes visuais pode sim tecer possibilidades de organizar situações que provoquem o imaginário, a fruição e o pensamento estético, a partir de um planejamento metodológico, ancorado na certeza de que Arte é área de conhecimento.

4 CONCLUSÃO

As pesquisas que fundamentam esse trabalho propiciaram reflexões sobre a importância em tecer possibilidades no ensino de artes visuais que provocam a imaginação, a emoção, a contextualização e o fazer artístico, com relevância no processo de ensino e aprendizagem.

A reflexão, a partir da análise e dos registros de todo o desenvolvimento da prática que motivou esse estudo, nos permite constatar que a implementação de uma metodologia planejada com atividades que estabelecem um diálogo constante com o artista, nesse caso, Van Gogh, significa o pensamento estético, oportunizando fruição e percebendo Arte como componente essencial na construção do conhecimento. Considerando as reflexões dos alunos acerca da prática, salienta-se que não se entende a utilização do desenho e da pintura como mera técnica metodológica, mas como instrumento pedagógico capaz de proporcionar a apropriação dos valores e significados das artes visuais, como resultado de uma experiência dialógica no contexto cultural, social e histórico dos alunos.

Verificou-se ainda que o desafio é bem vindo como estratégia educativa, visto que é a semente propulsora para uma prática enriquecedora. Prática essa que gerou significados ao contextualizar, apreciar e criar artisticamente, se distanciando de aprendizagens mecânicas e repetitivas.

O ensino de artes visuais a partir da temática desse trabalho evidenciou uma de suas possibilidades, quando nos apropriamos da gama imagética que nos legou Van Gogh, e junto aos alunos vivenciamos situações provocadoras que propiciaram a imaginação, a fruição e o pensamento estético. Digo junto aos alunos, pois aprendi tanto quanto eles, e porque não dizer, mais, visto que a experiência não representou prática onde a via é de mão única, mas sim foi partilha de conhecimentos significativos em Arte.

A proposta de trabalho não se encerra aqui, é um caminho a ser trilhado em anos vindouros, já que o repertório é extenso e pode-se explorar a obra de outros artistas, outras técnicas com variadas experimentações, e que tenha sempre como objetivo significar o ensino de artes visuais, sedimentando Arte como conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AMSTERDAM. **Van Gogh Museum**. Disponível em <<https://www.google.com/culturalinstitute/collection/van-gogh-museum>>. Acesso em 27 set. 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
- . (Org.). **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, set./dez. 1989. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 set. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n. 9394, 20 dez. 1996, p. 11. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**: Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 25 set. 2014.
- COELHO, Rodrigo Borges. O desenho ou a vontade do seguinte. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, v. 2. p. 52-58
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.
- DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- DON, Mc Lean. **Vincent (Starry Starry Night)**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gi_P8XwrSCU> Acesso em: 27 set. 2014.
- FERRAZ, Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. Rezende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOUTHIER, Juliana. História do ensino da arte no Brasil. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, v.1. p.32-44.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa (Org.). **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais: metodologias do ensino de artes visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, v.1. p. 8-21.

PROPOSTA curricular. Arte para o Ensino Fundamental. Secretaria do Estado de Minas Gerais. 2006, p. 11. Disponível em <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BCEB4D9DE-12A3-4E3D-8337-375BA21D6E94%7D_CBC%20Arte%20EF.pdf> . Acesso em: 25 set. 2014.

SANTANA, Sâmara. Fundamentos de ensino de Artes Visuais. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, v.1. p. 22-31.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro; SCALÉA, Neusa Schilaro. **Arte-Educação para professores**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 2006.

VAN GOGH. **Autorretratos/Galeria**. Disponível em: <http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/van_gogh2.htm#axzz3bxcLKdgo> Acesso em: 01 jun. 2015.

VAN GOGH. **Cartas a Theo (1853-1890)**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

VAN GOGH, Vincent. **Collections.Art Institute Chicago**. Disponível em <http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/14586?search_no=2&index=12>. Acesso em: 15 set. 2015.

VAN GOGH. **Museum**. Google Cultural Institute. Disponível em <<https://www.google.com/culturalinstitute/collection/van-gogh-museum>> . Acesso em: 27 set. 2014.

VAN GOGH. **Obras mais famosas**. Disponível em <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=van+gogh+obras+mais+famosas&revid=1718063> .Acesso em: 30 maio 2015.

VAN GOGH, Vincent. **Obras de Vincent van Gogh**. Disponível em <<https://www.google.com.br/search?q=Obras+de+Vincente+Van+Gogh&biw=1016&bih=607&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=l1ooVPq6BNeVgwTvilCwDQ&ved=0CCUQsAQ>> .Acesso em: 26 set. 2014.

VAN GOGH, Vincent. **Obras de Vincent van Gogh**. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11621/vincent-van-gogh>> .Acesso em: 12 ago. 2015

VENEZIA, Mike. **Mestres das Artes: Vincent Van Gogh**. São Paulo: Moderna, 1997.

VOLPINI, Lincoln. Pintura. In. PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v. 2. p. 31-48.

ANEXOS

Anexo A - Carta de autorização I

CARTA DE AUTORIZAÇÃO I

Na condição de Diretora da Escola Municipal Rodrigues Nunes, situada no Distrito de Pontevila, cidade de Formiga, Minas Gerais, autorizo a professora de Matemática, Desenho Geométrico e Artes, Sayonara Maria Andrade Nogueira Corrêa a realizar junto aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, do ano de 2015, seu projeto de pesquisa, como aluna do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Anexo B - Carta de autorização II**CARTA DE AUTORIZAÇÃO II**

Prezados Pais ou Responsáveis,

Solicito autorização para que o menor -----
-----, que participa das atividades com Arte, do projeto *O sensível na Arte de Van Gogh*, no 2º semestre de 2015, na Escola Municipal Florêncio Rodrigues Nunes, possa ter sua imagem, bem como de suas atividades, veiculadas no trabalho de pesquisa da aluna Sayonara Maria Andrade Nogueira Corrêa, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Atenciosamente,

Sayonara Maria Andrade Nogueira Corrêa

Assinatura dos Pais ou Responsáveis